

O corpo na Capoeira

MESTRE  PAVÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

EUSÉBIO LÔBO DA SILVA

O corpo na Capoeira

MESTRE  PAVÃO

VOLUME 1
INTRODUÇÃO
AO ESTUDO DO
CORPO NA CAPOEIRA

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Si38c Silva, Eusébio Lôbo da.
O corpo na capoeira / Eusébio Lôbo da Silva. – Campinas, SP:
Editora da Unicamp, 2008.

Conteúdo: v. 1. Introdução ao estudo do corpo na capoeira.

1. Capoeira. 2. África – Cultura popular. I. Título.

ISBN 978-85-268-0828-7 CDD 394.3
301.296

Índices para catálogo sistemático:

1. Capoeira 394.3
2. África – Cultura popular 301.296

Copyright © by Eusébio Lôbo da Silva
Copyright © 2008 by Editora da Unicamp

1ª reimpressão, 2010

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

DEDICO ESTA OBRA

Em especial à doce filha e contramestra Luana (*in memoriam*).

Ao meu filho e segundo contramestre Ariel.

A Morena, Conceição e Lanara, filhas e neta queridas.

A Silvana e nossos filhos pela permanente confiança e paciência em esperar a produção deste material.

Aos meus irmãos Antônio (*in memoriam*), Maria, Lúcia, Regina e Francisco pela permanente presença em cada uma das minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

A Luciana Ribeiro Barbeiro, Laura Pronsato, Martha Dias, Alessandro Oliveira, Tatiana Wonsik e Ligia Tourinho pelo constante apoio.

A Adriana Quartarolla pelas leituras, sugestões e correções iniciais dos textos.

A Ana Basaglia pela generosidade e estudos gráficos que foram fundamentais para os bons resultados desta publicação.

A José Lessa Mattos (David José) pelos constantes e frutíferos diálogos sobre este estudo.

A Alex Wissenbach pela extraordinária ajuda em momentos difíceis.

Ao mestre Jahça pela dedicação na formação de uma belíssima nova geração de capoeiristas.

A Juliana pelas sugestões e comentários ao texto.

SUMÁRIO

Fala, Mestra.....	9
Apresentação	
<i>A trajetória de um capoeirista</i>	13
Introdução	
<i>Um olhar para o corpo na capoeira</i>	19
<i>A capoeira de academia: um novo modelo</i>	21
<i>Criador, criação: o espaço na capoeira</i>	23
Comentando a capoeira	
<i>Menino, quem foi seu mestre?</i>	26
<i>Iê, a ladainha me conquistou, camarada!</i>	27
<i>Antigamente todos sabiam das regras básicas da capoeira</i>	29
<i>As arapucas do meu amigo Angoleiro</i>	31
<i>Macaco x Canhão</i>	33
<i>Capoeira é jogo de tradição, não é “briga de rua”</i>	36
<i>Capoeira violenta ou a violência na capoeira?</i>	38
Fala, Mestre.....	42
Referências bibliográficas.....	43
Páginas silenciosas.....	45

FALA, MESTRA

O herói e seu objeto mágico

Fui relutante em escrever este prefácio. Dr. Eusébio Lôbo, mestre Pavão, insistiu. Deu prazo. Enviou mensagem. Ampliou prazo uma, duas, dez vezes... Sempre com muita delicadeza, sutilmente, com a leveza que têm os corpos de capoeiristas na roda. Assim é meu amigo Eusébio, homem forte e musculoso – capaz de afastar, com um olhar e um arrastar de perna em *demi-plié*, qualquer marginal desavisado que ouse importunar alguém próximo a ele –, que tem como um dos mais importantes atributos a delicadeza. É sempre com este atributo que atua em seu entorno, com todas as pessoas, das mais próximas às mais distantes, daquelas com quem tem fortes laços afetivos àquelas que acaba de conhecer. É com esse atributo que Eusébio atua na vida e enfrenta a realidade.

Relutei porque um texto acadêmico exige objetividade e nesse caso para mim é impossível. Acompanho a trajetória profissional de Eusébio desde seu ingresso na Escola de Dança da UFBA na década de 1970, ele, aluno, eu, professora. De lá para cá, diversos foram os momentos e papéis variados que partilhamos, atividades artísticas e acadêmicas, inclusive ele fez parte da banca examinadora de minha tese de doutorado. Foram muitos os festivais e eventos de dança aos quais juntos prestamos consultorias. Nesses encontros, Eusébio se tornou um dos meus heróis preferidos.

Quando li, no início dos anos 90, *Morfologia do conto maravilhoso*, de Vladimir Propp, fiquei tão encantada com aquele estudo do universo dos contos de fada que a partir de então passei a aplicar a base morfológica proppiana – a série de funções, dos personagens – às trajetórias de vida das pessoas de minhas relações. Com isso, de certa forma, me cerquei de heróis, falsos heróis, antagonistas ou malfeitores, princesas e objetos mágicos. Não é necessário ser criança para exercitar a imaginação de maneira lúdica. Dos heróis que reco-

nheci em meus amigos, nenhum configurou com tanta clareza, em sua trajetória de vida, algumas das diversas ações descritas por Propp como Eusébio. Escolhendo entre as 31 funções de personagem descritas em *Morfologia do conto maravilhoso*, selecionei aquelas com as quais montei a narrativa eusebiana: “O herói deixa a casa”, “o herói é submetido a uma prova; a um questionário; a um ataque etc.”, “o herói é transportado, levado ou conduzido ao lugar onde se encontra o objeto que procura”; “regresso do herói”; “o herói sofre perseguição”; “é proposta ao herói uma tarefa difícil”; “o herói é reconhecido”; “o herói casa e sobe ao trono”.

Há, contudo, nos enredos dos contos maravilhosos sempre a ação do meio ou objeto mágico, tal como: “o meio mágico passa às mãos do herói”, ou “o herói passa pelas ações que o levam a receber um objeto mágico”. Nunca parei para pensar, em minha narrativa imaginária, qual era o objeto mágico que Eusébio manipulava. Com estes quatro volumes ele fecha a narrativa ao afirmar no primeiro volume: “A capoeira estava constantemente abrindo novas portas para o desenvolvimento da minha trajetória profissional”. Ele nos revela seu objeto mágico, aquele que tinha desde criança, aquele que o fez vencedor, como encontramos na página 17 deste volume, em que ele cita o refrão popular:

Quem tinha a chave?
Era eu, era minha mana,
Era minha mana mais eu, camarada.

Como ele nos conta, a capoeira serviu para o jovem adolescente ingressar no Grupo de Dança Contemporânea da UFBA, atuando ao lado de profissionais da área. Viajou para os Estados Unidos a convite. Em Illinois foi submetido à prova, com banca formada pelo reitor da Universidade e por Katherine Dunham, entre outros professores, com o objetivo de conseguir uma bolsa de estudos; deu uma aula usando a linguagem da capoeira, o que resultou em sua contratação como professor instrutor. Ou seja, o acadêmico com curso de graduação não concluído, submetido à prova em terras estrangeiras,

usando seu objeto mágico, a capoeira, galga o cargo de mestre. Retorna à sua terra natal. As façanhas, as perseguições, os desafios foram muitos para Eusébio, também constantes foram as vitórias. Ingressou na UNICAMP, desempenhando ali inúmeras e difíceis missões acadêmicas. Hoje, como profissional, Eusébio se distingue no quadro acadêmico da universidade brasileira. Um dos primeiros professores universitários com formação e atuação na linguagem da dança a lograr o título de doutor, angariou uma respeitabilidade invejável no âmbito universitário. Com a capoeira, desde menino, Eusébio conquistou o mundo. E, como bom capoeirista, sua formação ética contribuiu para a aquisição de muitos *atributos do bem*, entre eles, a generosidade, a solidariedade, a coragem e a delicadeza.

Estes quatro volumes sobre capoeira e dança escritos por Eusébio, resultado de sua tese de livre-docência, foram elaborados durante os seis meses que passou na Escola de Dança da UFBA, como professor visitante, em projeto financiado pela CAPES, no Programa de Qualificação Institucional (PQI).

Esta publicação certamente se tornará leitura obrigatória para estudiosos e acadêmicos, tanto para pesquisadores da área da cultura popular como para todos os que atuam nos cursos de graduação e pós-graduação em dança, seja como professor, técnico ou discente. A experiência de Eusébio, como professor, pesquisador e capoeirista, faz destes quatro volumes uma coletânea de textos que trata a capoeira de forma abrangente, com a clareza de um bom texto didático, a profundidade de uma consistente pesquisa acadêmica e a sabedoria que só os mestres de capoeira têm.

Dulce Aquino

APRESENTAÇÃO

A trajetória de um capoeirista

Era eu, era meu mano,
Era meu mano mais eu, camarada.

Viva meu Deus,
Iê, viva meu Deus, camarada.

É hora, é hora,
Iê, é hora, é hora, camarada.

Vamos embora,
Iê, vamos embora, camarada.¹

Muitas pessoas pensam que eu sou apenas um dançarino, ou mesmo um dançarino que joga capoeira. Sempre me senti um capoeirista que joga, luta e dança, como é a própria natureza da capoeira, que ginga na vida. O jogo é lúdico; a luta, a essência do jogo dos opostos; e a dança, o produto da estética da arte da capoeiragem. Capoeirista, pois foi com a capoeira, no início no fundo do quintal e na porta de casa, com o meu primeiro mestre, Lupa do Garcia, que comeci a ler o mundo. E no gingado fui expandindo meu espaço na roda da vida. Foi por meio da capoeira que aprendi que o mais importante não é ser o melhor, é ser feliz, dentro do possível, durante as trajetórias de nossas atuações na vida; assim como a vida, a natureza da capoeira é cíclica. Isso significa entrar no jogo da capoeira ou da vida sem a expectativa de ganhar ou perder, pois em ambos os casos o *objetivo* maior é aprender. Assim, mesmo na perda momentânea, em um determinado jogo, há o ganho da experiência, da aprendizagem.

1 Música de domínio popular.

Postulo que crescer é aprender e descobrir como se aprende; só cada um pode fazê-lo.

Descobri meu corpo no gingado da capoeira; meu potencial para aprender *com* a vida e influenciá-la. Foi através da capoeira que pude me expor (expressar) no e para o mundo. Meu “pequeno” mundo de Salvador, Bahia, no Grupo Folclórico Balú, no Grupo Oxum, nas festas de largo etc. Ah, que saudades! Daí e por essas atuações na capoeira, fui convidado a participar de um grupo de dança contemporânea. Ao ingressar naquele grupo, eu nem sabia ao certo o que significava dança contemporânea. Só sabia que poderia contribuir de alguma forma com o corpo em movimento e isso significava capoeira. Naquele tempo já percebia a natureza indissociável da luta e da dança no jogo corporal. Com base nessa idéia, é possível dizer que o corpo na capoeira pode ser usado com ênfase em um determinado sentido, sem excluir os outros.

Até então, a capoeira já tinha me dado a noção de limite e conduta ética; tudo isso aprendido e apreendido com e no corpo. Não tinha, portanto, medo do mundo.

O mundo de Deus é grande,
Iê, o mundo de Deus é grande, camarada.

O grupo a que me referi chama-se até hoje Grupo de Dança Contemporânea (GDC), da Universidade Federal da Bahia. Assim, portas estavam se abrindo com as chaves da capoeira. Ao mesmo tempo em que ela (a capoeira, minha “mana”) abria portas, estava se apoderando de mim, e eu, prazerosamente, deixando-a fluir pelos meus corpos: físico, mental, emocional, espiritual. Nessa mesma época, era estudante de licenciatura em ciências. Após algum tempo de envolvimento com a dança na UFBA, vi-me deixando o curso no último semestre para ingressar no curso de dança. Paradoxalmente, já era contratado como dançarino profissional, o grau máximo que um estudante do curso de dança poderia atingir. Esse grupo era formado majoritariamente por docentes da UFBA.

Iê, é mandingueiro,
Iê, é mandingueiro, camarada.²

Pensava que estava jogando capoeira, jogando com a minha “mana”, só que não sabia que ela também estava jogando comigo. Como é valorosa a experiência! Agora sei que ela jogou e me jogou na vida. Por isso disse e repito:

Muitas pessoas pensam que eu sou um dançarino, ou mesmo um dançarino que joga capoeira.

Era eu, era minha mana.
Era minha mana mais eu, camarada.
Viva meu Deus,
Iê, viva meu Deus, camarada.
É hora, é hora,
Iê, é hora, é hora, camarada.
Vamos embora,
Iê, vamos embora, camarada.

Nesse tempo, pairavam grandes dúvidas na minha mente; aquelas que geralmente o adolescente tem sobre a profissão: o que seguir, como sustentar uma família no futuro etc. Junto a isso, havia a constatação do fato de que grandes mestres de capoeira na Bahia chegavam à velhice com muitas dificuldades, no abandono e esquecimento em sua própria comunidade, apesar de terem contribuído significativamente para a formação das futuras gerações. Isso fazia com que eu me lembrasse das palavras do meu pai: “Quem vê as barbas do vizinho arder coloca as suas de molho”. Pensava, então: “preciso usar da minha capoeira para ter uma ‘esquiva’ a esse destino traçado para os mestres”. Só que a “esquiva” não pôde ser preparada, pois o “destino” me conduzia para outra profissão que também, naquele tempo, não apresentava grandes perspectivas: a dança, que, a meu ver, é uma outra forma de ca-

2 A partir daqui, todos os versos em recuo são ladainhas de mestre Pavão.

poeira. Entretanto, sentia no corpo: “O importante é ser íntegro, pois esse é o caminho para a felicidade”. Na capoeira não se pensa somente com a mente, pensa-se de corpo inteiro. A mente, o físico, a emoção são aspectos que se fundem no ato do jogo. Por isso, o capoeirista leva consigo essa aprendizagem para o antes e o depois do jogo. Que maravilha aconteceu comigo! Saí da dúvida pelo corpo.

Vamos embora,
Iê, vamos embora, camarada.
Pelo mundo afora,
Iê, pelo mundo afora, camarada.

Fomo-nos embora, pelo mundo afora. Fui para a África com o grupo de dança da UFBA, representando o Brasil no II Festival Mundial de Arte e Cultura Negra (FESTAC). Passei 24 horas por dia, durante um mês, convivendo com expressões cênicas, musicais, plásticas e literárias de 60 países.

Acredito que, neste momento da leitura, é possível depreender que a minha “pequena” Salvador, na Bahia, já não era tão pequena assim, e a origem da amplitude de minha trajetória, é óbvio, encontrava-se na prática da capoeira.

O mundo de Deus é grande, camarada...
É pelo mundo afora mesmo, camaradinha.

Já estava fazendo o curso de dança na UFBA há um ano e meio. Antes, porém, tinha participado de alguns filmes sobre capoeira com o cineasta e cônsul brasileiro Raul de Smandeck, que os enviou para vários países. Em consequência disso, pude ser visto pela antropóloga, bailarina, coreógrafa, considerada a mãe da dança negra nos Estados Unidos da América, senhora Katherine Dunham. Ela me convidou para fazer um intercâmbio cultural, em que eu ensinaria capoeira e aprenderia dança moderna americana.

Quem tinha a chave?
 Era eu, era minha mana,
 Era minha mana mais eu, camarada.

Assim, solicitei transferência do curso de dança da UFBA para o curso de dança da Universidade do Sul de Illinois. No mesmo dia em que cheguei a Illinois, foi-me solicitado um exame de capacitação didática, pois não havia mais a bolsa acertada. Soube dessa mudança através da única pessoa que falava português na cidade. Eu não sabia absolutamente nada de inglês, resultado da escola pública brasileira. Saber desse detalhe importa para a compreensão do fato.

É hora, é hora,
 Iê, é hora, é hora, camarada.
 Vamos embora,
 Iê, vamos embora, camarada.

Fui avaliado por uma banca examinadora composta pelo reitor da universidade e futuro presidente do Conselho de Reitores do Estado de Illinois, pelo diretor da unidade, pela senhora Katherine Dunham, entre outros membros notáveis da universidade. Cheguei em frente dos estudantes e “falei a linguagem da capoeira”. Resultado: fui contratado para ocupar o cargo de professor instrutor no mesmo dia.

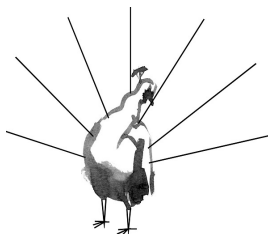
Em seguida, passei um período dando aulas apenas de capoeira e danças brasileiras; depois, de dança moderna e da técnica Dunham, e de *jazz*. Além disso, meu desempenho permitiu-me pertencer à Galeria de Dançarinos Dunham e ser uma das cinco pessoas no mundo a obter o grau de mestre na técnica Dunham. Participei da remontagem das coreografias da senhora Dunham, as quais foram registradas em filmes, que pertencem ao acervo da História da Dança na América. Essa atuação marcou a minha presença no processo de resgate dessa história. Dancei, com a Cia. Dunham, no mais importante teatro cultural de Nova Iorque, o Carnegie Hall.

Nos períodos de férias da escola e da Companhia de Dança da senhora Dunham, ficava com meus amigos Jelon Vieira e Loremil Machado, na cidade de Nova Iorque, jogando capoeira, fazendo *shows*. Para citar alguns deles: com Flora Purim e Airto Moreira; com a Capoeira of Brazil, que apresentava também peças de dança moderna, ambos na Broadway. Com esse sumário, quero novamente ressaltar: a capoeira estava constantemente abrindo novas portas para o desenvolvimento da minha trajetória profissional.

Outro fato que considero muito importante ocorreu no dia em que recebi uma mensagem de um mestre de *tai ji quan*,³ (*tai chi chuan*), propondo-me uma troca: ensinar-me a sua arte em troca da aprendizagem da capoeira. Aceitei. Ganhei um mestre, um grande amigo, um irmão, Sifu Justin Meeham. Esse é apenas um entre os muitos fatos em minha vida que demonstraram que a capoeira também abre as portas da amizade.

Estudando o *tai ji* pude perceber como as artes marciais orientais oferecem um vasto repertório teórico. Isso graças aos conhecimentos deixados pelos mais experientes, os mestres. Esse aspecto muito me incentivou a escrever, em algum momento, sobre a capoeira. Esperei mais de 20 anos para, agora, realizar esse projeto.

Resumindo, uma trajetória marcada por dois espaços distintos: o das raízes culturais e o da dança artística, dentro e fora do universo acadêmico.



Eusébio Lôbo da Silva
Mestre Pavão

³ *Tai ji quan*: escrito de acordo com o alfabeto fonético chinês romanizado (pinyin). Cf. *Lições de chinês*.

INTRODUÇÃO

Um olhar para o corpo na capoeira

Após anos de prática, busco neste trabalho desenvolver subsídios teóricos para enriquecer o campo de estudo da capoeira. Não pretendo ensinar essa apaixonante arte por meio da palavra escrita, ou seja, por instrumento teórico, mas utilizar tal instrumento para indicar os seus fundamentos. Agora, portanto, a teoria dá ênfase àquilo que está inserido no corpo pela experiência adquirida em uma longa e intensa prática.

Este trabalho não pretende também ensinar a técnica dos golpes, apesar de seu conteúdo focar diretamente o aspecto da capacitação. Apresento os fundamentos operacionais do corpo na capoeira, busco o que está presente nele, em vez de determinar o modo como o capoeirista deve executar os golpes ou movimentos. Em outras palavras, na capoeira não existe “dono da verdade”. Esse último caminho se refere à questão de estilo ou imposição de um determinado mestre, porque, como todo bom mestre sabe, a natureza ou essência da capoeira se encontra em cada pessoa. A prática, portanto, desenvolve o potencial da capoeira inata em cada indivíduo.

Este estudo, no entanto, trata a capoeira por uma ótica particular em que o golpe, a seqüência, os aspectos dessa arte, aqui apresentados, são vistos através das características espaciais e cinéticas do movimento do corpo. Desse olhar, caminha-se para a identificação dos conceitos básicos, princípios e condutas éticas que se depreendem do jogo corporal.

O leitor poderá, inclusive, fazer várias leituras. Entre elas, uma, que não necessita ser a primeira forma de ler este estudo, que é a do texto acompanhado dos quadros ilustrativos ou imagens presentes no volume 3; outra maneira é seguir os volumes do primeiro ao quarto; e também poderá ser feita uma leitura por meio do olhar, da observação ou mesmo da contemplação das imagens que abordam os movimentos analisados agrupadas no volume 1, na parte que cha-

mei de “Páginas silenciosas”. Por isso, não se inseriu qualquer indicativo, a exemplo de figura nº 1, 2, 3 etc. As referências estarão no “Índice de figuras” na parte final da seqüência de imagens. Além disso, como mencionei acima, não pretendo ensinar as técnicas dos golpes ou movimentos, mas tratar dos aspectos operacionais destes.

Antigamente, o lugar da capoeira era unicamente o espaço aberto: da rua, do fundo do quintal, da festa de largo. Esses espaços, que ainda permanecem nas periferias das grandes cidades, continuarão a alimentar, a fornecer grandes mestres, pois, no momento em que deixarem de existir, provavelmente a capoeira será outra. Por outro lado, com os espaços cada vez mais exíguos nos grandes centros das cidades, novos espaços foram criados para a prática da capoeira: as academias. Nelas, busca-se reproduzir os espaços originais do jogo; reproduz-se a roda, com a demarcação de um círculo no chão, que ocorre naturalmente nos espaços públicos; canta-se, louvam-se os antigos capoeiristas, verdadeiros heróis e pioneiros da nobre arte, e a capoeira de rua, aquela do espaço aberto. Busca-se o rito, o espírito da capoeira, da tradição.

Chegamos a um momento da capoeira em que temos mais praticantes em academias do que nos espaços originais da sua prática. Um novo espaço cheio de novos estilos, interpretações ou reinvenções. Com essa nova realidade, a capoeira disfarça-se,⁴ agora, em esporte, educação, terapia e, inclusive, material teórico, como neste caso. Mesmo assim, continua a cumprir seu papel primordial de aproximar os homens de sua essência.

Sabendo disso é que apresento este estudo sobre essa maravilhosa arte dos homens.

⁴ Uma das principais características do capoeirista é a capacidade desenvolvida de adaptar-se ao ambiente em que se encontra, como um camaleão.